

Um olhar sobre a paisagem do Vinho do Douro, Portugal

A look at the Douro Wine landscape, Portugal

Un regard sur le paysage viticole du Douro, Portugal

Vanessa Manfio – vamanfio@hotmail.com

Doutora em Geografia pela UFRGS, Pesquisadora da Mikripoli: Rede de Pesquisadores de Pequenas Cidade

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0405-5389>

Resumo

A paisagem é um ponto de estudos de muitas pesquisas, principalmente de áreas como agronomia, economia, geografia, dos quais os vinhedos são os grandes protagonistas. Entre as paisagens do vinho de Portugal mais veneradas pelos turistas está a Paisagem do Douro Vinhateiro, que guarda uma vitivinicultura caracterizada por terraços de vinhas. Pensando nisso, o presente trabalho procurou analisar e descrever a paisagem vitícola do Douro, apresentando suas formas e particularidades, a partir da utilização da pesquisa descritiva, e de recursos metodológicos, tais como: a revisão de literatura, a análise da paisagem e a coleta de dados. Neste trabalho, conseguiu-se reunir informações sobre a paisagem, vistas pelas características e aspectos importantes reforçados na abordagem. Uma destas é que a paisagem do Douro é o resultado da união da natureza, da vegetação nativa, da cultura, das construções, dos casarões barrocos, da modernidade, dos terraços, dos demais gêneros agrícolas cultivados no rural, e do vinho. Este conjunto deixa a paisagem única e imaterial no tempo e espaço.

Palavras-chave: Paisagem, Vinhedos, Douro, Portugal.

Abstract

The landscape is a point of study for many researches, mainly in areas such as agronomy, economics, geography, of which the vineyards are the main protagonists. Among the wine landscapes of Portugal most revered by tourists is the Douro Wine Landscape, which has a vitiviniculture characterized by terraces of vineyards. With this in mind, the present work sought to analyze and describe the Douro wine landscape, presenting its forms and particularities, using descriptive research, and methodological resources, such as: literature review, landscape analysis and collection of data. In this work, it was possible to gather information about the landscape, seen by the characteristics and important aspects reinforced in the approach. One of these is that the landscape of the Douro is the result of the union of nature, native vegetation, culture, buildings, baroque houses, modernity, terraces, other agricultural products grown in the countryside, and wine. This set leaves the landscape unique and immaterial in time and space.

Key words: Landscape, Vineyards, Douro, Portugal.

Résumé

Le paysage est un point d'étude pour de nombreuses recherches, y compris des études récentes sur la viticulture. La région viticole enchante par sa culture et son environnement, mais, sans aucun doute, les vignobles en sont les principaux protagonistes. Parmi les paysages viticoles du Portugal les plus vénérés par les touristes se trouve le paysage viticole du Douro, qui a une vitiviniculture caractérisée par des terrasses de vignobles. Dans cette optique, le présent travail a cherché à analyser et à décrire le paysage viticole du Douro, en présentant ses formes et ses particularités, à l'aide de recherches descriptives et de ressources méthodologiques, telles que: revue de la littérature, analyse du paysage et collecte de données. Dans ce travail, il a été possible de recueillir des informations sur le paysage, vu par les caractéristiques et les aspects importants renforcés dans la démarche. L'une d'elles est que le paysage du Douro est le résultat de l'union de la nature, de la végétation indigène, de la culture, des bâtiments, des maisons baroques, de la modernité, des terrasses, des autres produits agricoles cultivés à la campagne et du vin. Cet ensemble laisse le paysage unique et immatériel dans le temps et dans l'espace.

Mot-clés: Paysage; Vignobles; Douro, Portugal.

Recebido em: 10 de agosto de 2021
Aceito : 07 de setembro de 2021
Publicado: 30 de setembro de 2021

Introdução

A ciência geográfica se interessa por várias temáticas inseridas no campo das relações sociedade e natureza, entre elas a abordagem da paisagem. Esta abordagem completa a beleza cênica do espaço e também o resumo dos elementos naturais, humanos, culturais e da interseção entre eles. A paisagem não é o foco de interesse unicamente dos geógrafos, mas dos arquitetos, artistas, literários e paisagistas. E não é um tema recente, pois faz parte do universo científico desde séculos passados.

Neste ponto, a paisagem é um tema importante e que se faz visível em vários espaços geográficos: o urbano, o rural, o natural, o vitícola. A paisagem é uma categoria geográfica dependente do olhar, dos sujeitos e da construção espacial. No que diz respeito à paisagem vitícola, ela é aquela que tem a presença dos vinhedos, da natureza e da cultura social como grande fundadora do aspecto visível e do percebido pelo observador. Em todo o mundo são diversas regiões produtoras de vinhos, cada qual com uma cultura e um ambiente próprio e nelas se processa paisagens completamente distintas e únicas.

Em Portugal, num olhar pelo território é possível reconhecer várias paisagens de vinhedos que se estendem de norte a sul do país. Uma destas é a paisagem vitícola do Douro, reconhecida como Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e que, sem dúvidas, é um espaço de observação de muitos pesquisadores e amantes do vinho.

Diante disso, o presente artigo busca analisar a paisagem vitícola do Douro, descrevendo elementos significativos da cultura, do espaço e história, que são fundamentais para a Geografia do Vinho, reconhecendo as relações entre os elementos e avaliando a unicidade da mesma. Esta inquietação se delineia a partir dos estudos de Doutorado Sanduíche realizados na Universidade de Trás – Os – Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal, e financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES-BRASIL).

Para metodologia deste trabalho foi utilizado o método descritivo, partindo da análise e decomposição dos elementos da paisagem vitícola do Douro em Portugal. Nessa perspectiva, a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar, sendo um formato de pesquisa que envolve o descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987). Logo, o estudo descritivo é utilizado quando a intenção do pesquisador é conhecer determinada comunidade, suas características, valores e problemas relacionados à cultura, sendo feita esta por meio, sobretudo, da observação, de questionários e análise (TRIVIÑOS, 1987). No contexto da paisagem vitícola do Douro, a intenção deste trabalho é descrever os elementos, as interações fruto da relação homem e meio, que torna a paisagem duriense singular. Assim, foram utilizados como recursos metodológicos: a análise bibliográfica, a leitura da paisagem in loco, a observação de imagens e a compreensão dos dados e informações.

O artigo tem como expectativa contribuir com o estudo da Geografia do Vinho, especialmente no âmbito da paisagem vitícola, trazendo um olhar exterior para a análise e interpretação da paisagem do Douro, a fim de desvendar as formas espaciais, mediante a percepção e concepção do espaço social, cultural, histórico e natural. Para isto, organizou-se o presente texto em três partes: a parte teórica de discussão sobre a temática da paisagem, versando ainda sobre a paisagem vitícola; a segunda a abordagem da paisagem do Douro; por fim, as conclusões levantadas durante a leitura e interpretação da paisagem – adquiridas no andamento da pesquisa.

A paisagem geográfica: uma revisão bibliográfica

A paisagem é compreendida como um fenômeno do visível. Para Jakob (2008, p. 28), a paisagem é uma porção do espaço que se percebe num relance. A paisagem pode ser, além disso, uma condição da interação espacial. Desse modo, a paisagem geográfica é compreendida pelo conjunto de formas (SANTOS, 2002), ou o resultado da percepção e do ponto de vista do observador. Conforme Almeida (2007), o espaço visível e percorível do ser paisagem passa pelo ser constituído por um conjunto de componentes, pela disposição e a associação dos elementos espaciais, como a vegetação, as edificações, as vias de circulação, os espaços públicos. Ainda, Santos (2002, p. 103) comenta que "a paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza (...)". Assim, Venturi (2018) diz que, a paisagem é um todo, resultado de um permanente processo de interação entre os seus componentes que são naturais e humanos (clima, vegetação, solo, hidrologia, formas de relevo, geologia e intervenções humanas), e se traduz em aspectos visíveis, mas também imperceptíveis a olho nu, porém, muitas vezes, sentidos.

Então, há diferentes entendimentos postos sobre a paisagem, que refletem a evolução do pensamento geográfico e as discussões filosóficas dos pesquisadores quanto à temática. Em todas estas compreensões deve haver a valorização das dimensões da paisagem, isto é: cultural, social, histórica e natural (Venturi, 2018). Colabora, com isto, Bertrand (1971, p. 2), que,

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É uma determinada porção do espaço, resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

Nesse sentido, o estudo da paisagem se fundamenta em diferentes métodos e abordagens, assim como a paisagem é, ainda, um recurso de compreensão espacial. Em Monteiro (2000, p.39), a paisagem é reconhecida como uma entidade espacial delimitada pelo nível de resolução do geógrafo (pesquisador), por meio dos objetivos de análise, do resultado da integração dinâmica, portanto instável, dos elementos de suporte e cobertura (físicos,

biológicos e antrópicos) e das relações entre elas que organizam um todo complexo (Sistema), num conjunto solidário e único, em perpétua evolução.

Todas estas definições e interpretações são utilizadas pela geografia. No âmbito dessa ciência há uma linha histórica de utilização dos conceitos, dos quais Mendonça e Venturi (1998, p. 65) escreve que, o conceito de paisagem aparece na geografia por volta do século XV, quando o homem começa a distanciar-se da natureza, adquire técnica suficiente para vê-la como algo passível de ser apropriado e transformado. A paisagem inicialmente era vista pelo viés estético da análise de pinturas e artes. Segundo Lavrador, Dias e Dias (2017,p. 176),

As representações da paisagem são milenares, ainda que o termo paisagem só tenha surgido no Renascimento, ligado à pintura e como cenário do que se pretendia representar com vista a explorar a nova técnica da perspectiva, desempenhando um papel secundário na tela.

Nesse sentido, Leite (1994) completa que, no século XVII, a discussão sobre paisagem recebe estímulos das grandes viagens, à moda de colecionar trabalhos de pintores italianos, contribuindo para o surgimento de novas ideias sobre a paisagem, indo além das asserções clássicas, não somente sobre filosofia da estética, mas sobre a paisagem real, o visível.

Já no século XIX, ocorre uma transformação do conceito de paisagem, e os naturalistas alemães, atribuem um significado científico ao conceito geográfico (landschaft) originário das denotações de paisagem natural (natur landschaft) e paisagem cultural (kultur landschaft)(VENTURI, 2004). Esta construção teve base nas orientações teórico-metodológicas das escolas de Geografia (especialmente, a germânica, francesa, russa e americana), que seguiam diferentes horizontes epistemológicos, repercutindo numa diversidade de abordagens, cada qual no seu tempo específico (Guerra, 2006). Nas palavras de Maciel e Lima (2011), no século XIX, o estudo da paisagem seguiu a abordagem descritiva e morfológica que abordava a natureza do ponto de vista de sua fisionomia e funcionalidade, destacando os cientistas Alexander Von Humboldt e Richthofen, da geografia alemã. Esta visão estético-descritiva da paisagem vincula-se ao paisagismo e a arte dos jardins (CHRISTOFOLETTI, 1999).

No contexto contemporâneo, sobretudo, a paisagem está relacionada a várias análises e assim avaliada por métodos distintos, tais quais: dialético, sistemático, fenomenológico, entre outros. Logo, “a paisagem foi sempre tratada com destaque entre as várias linhas de investigação e concepções teóricas trabalhadas pela geografia” (Conti, 2014, p.244). Em suma, Fajardo (2008, p. 59) coloca que, “a paisagem consiste, sim, num olhar privilegiado do espaço, uma perspectiva de análise geográfica” que varia de acordo com as impressões que a sociedade cria no espaço, das atividades desempenhadas economicamente e culturalmente e pela subjetividade dos observadores. Então, cada vez mais a paisagem pode ser vista no contexto cultural e natural, e mais recentemente os estudos ligados ao vinho têm proliferado discussões acerca das paisagens vitícolas. Com base nisso, vários pesquisadores se destacam no trabalho das paisagens vitícolas, tais quais: Rod Phillips, Hugh Johnson, Jancis Robinson, Brian Sommers, Fabienne Joliet, J. P. Pigeat, Raphaël Schirmer, Ana Lavrador,

entre outros. No Brasil, especificamente, aparece estas discussões nas literaturas geográficas de autores como, Ivanira Falcade, Rinaldo Dal Pizzol e Luís Vicente E. Pastor, etc.

Para tais autores, a paisagem vitícola constitui-se pelo cenário da vitivinicultura. Essa paisagem é reflexo das formas culturais, naturais e dos vinhedos. Segundo Joliet (2005 apud FALCADE, 2011), a paisagem vitícola é resultado de processos naturais e humanos, como composição do terreno, componentes culturais, técnicos e elementos naturais (clima, relevo, solo, entre outros). A paisagem vitícola é única, pela escultura ambiental, pelo resultado do trabalho humano e pelo sentimento e cultura que carrega essa paisagem (FALCADE, 2003). Além disso, Manfio e Medeiros (2017, p. 26) destacam que, “As paisagens das áreas de vitivinicultura são conhecidas pela materialidade dos elementos vitícolas como vinhedos, vinícolas, pórticos de entrada das vinícolas, vinhos, espaços enoturísticos”, elas são uma composição socioambiental, sendo uma extensão da paisagem rural, pois demonstra também traços da vida rural, das fazendas, quintas, propriedades que estão plantadas as vinhas. Pode-se dizer também que a paisagem vitícola é uma expressão da associação dos vinhos com o território, num sistema em que coexistem componentes naturais, estrutura antrópica, cultura e componentes da arquitetura da jardinagem, das técnicas e da condução das videiras, sendo funcional, pois representa uma dimensão socioeconômica, uma função importante do espaço e integradora, porque incorpora formas e elementos diversos (ROCHARD; HERBIN, 2010).

Salvo todas as diferenças de formas, culturas e espaços vê-se uma diversidade de paisagens vitícolas do mundo (ROCHARD; HERBIN, 2010). Nos séculos passados a paisagem vitícola era nítida dos países europeus com tradição e história. Como afirma Schirmer (2010, p.38), “Numerosos são os vinhedos que mergulham suas raízes numa história milenar ainda que, evidentemente, suas paisagens tenham conhecido mudanças completas”. Mas, o avanço da vitivinicultura fez surgir novas paisagem vitícolas na Califórnia, EUA, no sul do Brasil, no Chile, entre outras.

Dessa maneira, as paisagens das regiões vitícolas, na contemporaneidade, estão sendo valorizadas por estudiosos de diversas áreas, por turistas e empresários, adquirindo enfoques ligados: à preservação de aspectos culturais, à história, à forma de vida das comunidades, ao turismo, à agregação de valor, ao ambiente natural, representando ainda temas de convênios, resoluções e políticas públicas (MELLO; ZANESCO, 2020). De acordo com Gómez-Miguel (2014), no campo do desenvolvimento regional três aspectos relacionados com: as paisagens dos vinhedos são perceptíveis o reconhecimento como Patrimônio da Humanidade, o aproveitamento no enoturismo e formação profissional para assegurar sua manutenção da sustentabilidade. Portanto, a paisagem do vinho é de extrema importância para a conservação do ambiente, para visibilidade da economia vitícola. Ela pode ser um indicador de sustentabilidade e preservação do patrimônio, pois participa de esquemas de representações diversos, de sensações, vivências, formas espaciais e culturais. Manfio (2019, p. 81) comenta que,

As paisagens vitícolas desempenham uma função importante no desenvolvimento do enoturismo aos vinhedos, pois, elas são fonte de visualização das formas visíveis do trabalho humano e da natureza que envolve a vitivinicultura.

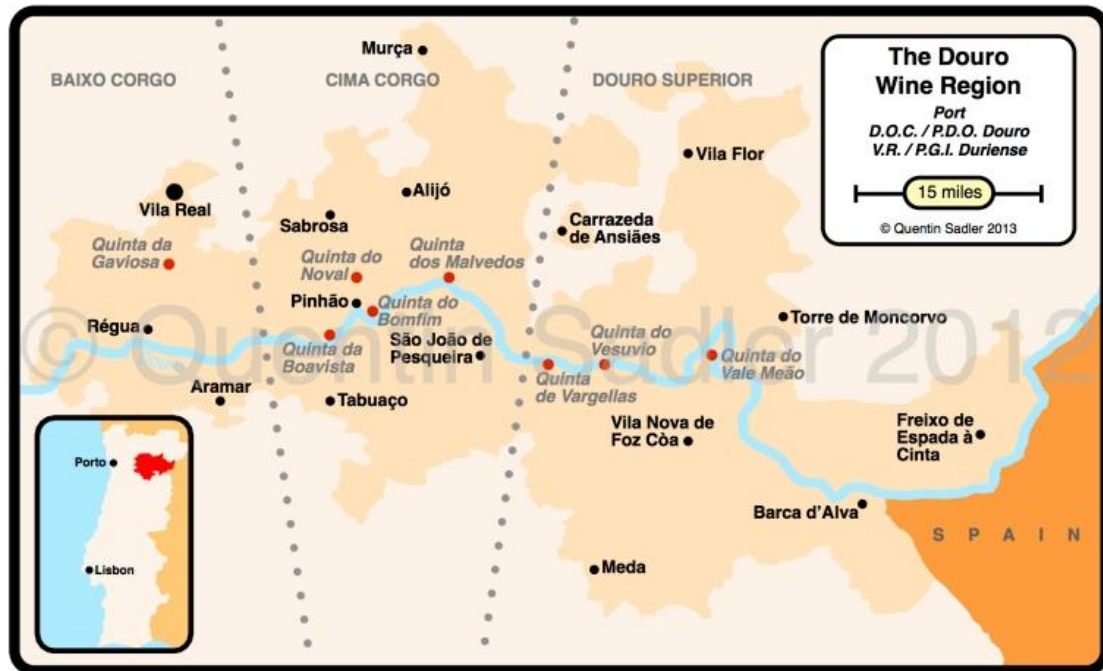
Em outra perspectiva, as paisagens do vinho são imateriais, pois são formadas por memórias, cheiros e histórias, pela subjetividade do observador em relação ao espaço. A vitivinicultura é resultante da cultura, pois o trabalho humano, envolve a elaboração do vinho e da constituição de territórios vitícolas. Logo, as paisagens têm o espaço como condição de existência, porém elas testemunham a cultura e a identidade daqueles que as construíram (FALCADE, 2006). A significação e a autenticidade das paisagens envolvem elementos que relacionam a dimensão imaterial do patrimônio e dão um sentido único de lugar (CASTRIOTA, 2009). Os elementos imateriais fazem com que paisagens vitícolas sejam reconhecidas como patrimônios culturais. Nesta linha de pensamento, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), já reconheceu como Patrimônio Mundial da Humanidade: o Alto Douro Vinhateiro e Vinhas do Pico (Açores) em Portugal, Saint-Emillion, Champanhe, Borgonha e Vale do Loire na França, Chinque Terre e Langhe-Roero e Monferrato na Itália, Tokaji na Hungria, Lavauxem Genebra/Suíça e Mittelrhein e Vale do Reno na Alemanha, Wachau e Fertö-Neusiedler See na Áustria (UNESCO, 2018).

Em resumo, ler e interpretar um paisagem vitícola vai além de procurar descrever elementos dispostos no espaço, mas criar um esquema de entendimento do conjunto como um todo, do que é visível e invisível, perceptível e sentido, aquilo que constrói unicidade paisagística.

A paisagem do vinho no Douro: discussões sobre o espaço-sociedade

A região do Douro fica localizada no norte de Portugal, e apresenta uma área reconhecida como Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO em 2001 (figura 1) pela paisagem vitícola. Esta área reconhecida integra a Região Demarcada do Douro (RDD) que fica situada aproximadamente a leste da cidade do Porto, no vale do Rio Douro e seus afluentes, espraia-se por cerca de 250 000 ha, dos quais 43479 ha são ocupados por vinhas contínuas (Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, 2020).

Figura 1 - Localização do Douro e suas sub-regiões



Fonte: <https://alemdovinho.wordpress.com/2016/01/06/douro-sua-historia-suas-uvas-e-vinhos/>

Essa região apresenta tradições históricas ligadas à vitivinicultura, sendo dividida em três sub-regiões: Baixo Corgo, Cima Corgo e Douro Superior com características próprias. Para Manfio, Medeiros e Cristóvão (2020, p.7), a

[...] região do Douro não apresenta as mesmas características sociais, econômicas, rurais e ambientais na sua totalidade. Por isto, a região apresenta uma subdivisão que aborda estes aspectos distintos do território.

Quanto às características das sub-regionais do Douro, pode-se destacar que a região do Baixo Corgo, abrange mais 51% da área ocupada por vinha, com um clima fresco e chuvoso, e é o berço da vitivinicultura; o Cima Corgo, conhecido como o coração do Douro, possui um clima mais seco que favorece uma vinha de maior qualidade; o Douro Superior, a sub-região de maior extensão, é também a mais quente, seca e extremada, com geografia menos acidentada e uma vitivinicultura mais recente e moderna (Lopes, 2002; Ribeiro, 1998; Pina; Cardoso, 2017). As diferenças ambientais na região são macantes para a diversidade da vitivinicultura do Douro. Estas condições ambientais geram uma produção de vinhos e uma organização do espaço em diferentes tempos, técnicas e vinhos.

Do ponto de vista da história da vitivinicultura, nesta região e em Portugal como um todo, Lopes (2012, p. 9) afirma que, “Desde a pré-história que o vale do Douro constituiu um corredor por onde passaram vagas sucessivas de povos e culturas, deixando as suas marcas” que favoreceram a vitivinicultura e a constituição de uma paisagem emblemática. Pela literatura portuguesa, a presença da vinha é muito antiga, antes mesmo da formação do Estado Português.

Conforme Carrera (2002), mesmo existindo registros de vinhas junto ao Vale do Douro em tempos remotos, a expansão da vitivinicultura na região teve contribuição de interesses comuns de senhores, camponeses e de ações religiosas. A vitivinicultura foi possível no Douro porque os antepassados que habitavam a região construíram vinhas em socalcos (uma plantação em terraços), ao longo das margens do Rio Douro e seus afluentes (CARRERA, 2002). Outros acontecimentos políticos e socioeconômicos também marcaram o desenvolvimento da vitivinicultura na região, entre eles: os avanços de técnicas e a demarcação da região pelo Marquês de Pombal, as políticas, o transporte do vinho rumo ao Porto através do Rio Douro que teceram construções hidroviárias, a crise da Filoxera que introduziu um novo modo de condução das videiras e deixou marcas na paisagem ainda presente, nos dias de hoje (MANFIO, 2018). No que confere respeito à filoxera, a paisagem apresenta alguns detalhes de uma vitivinicultura tradicional como os socalcos vitivinícolas pré-filoxéricos (MANFIO, 2019). Estes socalcos são hoje mortórios de vinhas resultado da destruição das vinhas pela filoxera, onde em mortórios extensas áreas da paisagem rural (MARTINS, 1991).

A história portuguesa também está materializada nas habitações dispersas nas vertentes, envoltas em vinhedos, algumas das quais correspondendo as casas senhoriais do século XVIII e XIX (PINA, 2012). Assim, a história do vinho na região se processa na paisagem vitícola, já que as quintas, os casarões históricos e os monumentos religiosos imprimem um ar barroco e português ao espaço, bem como os museus e os cenários vitícolas conferem historicidade. Segundo Manfio (2019), as cidades da região - com sua arquitetura, modo de vida e produção do espaço-, são marcas registradas na paisagem do Douro da história, como é o caso de Pésos da Régua, Vila Real, Sabrosa, Lamego, São João da Pesqueira.

É importante frisar que as cidades do Porto e de Vila Nova de Gaia são áreas complementares da economia do Douro, pois a vitivinicultura que se desenvolveu na Região Demarcada do Douro dependia do comércio e industrialização vitícola feita no Porto. Estas cidades abrigam até hoje, o Museu do Vinho, adegas, empresas vinícolas e turísticas. De certa forma, estas cidades são apêndices da paisagem vitícola do Douro.

Na paisagem vitícola duriense estão materializadas também os bens religiosos, tanto os materiais, quanto os imateriais. Conforme Gomes e Rebelo (2012), a religião é um elemento representativo na paisagem do Douro e está associado à natureza e seus poderes, testemunhando o esforço árduo do trabalho dos viticultores e as suas vivências. Na paisagem estão presentes capelas, igrejas, grutas, conventos, mosteiros e monumentos religiosos (MANFIO, 2019).

Outros importantes elementos da paisagem do Douro são: os cultivares e a organização da vitivinicultura em terraços, esta última, devido ao relevo íngreme do espaço regional formado pelo rio Douro, seu vale imponente. O Douro escreve-se numa

[...] paisagem cultural polimorfa, que apresenta uma grande variedade de formas de armação do terreno vitícola, a par de manchas de

vegetação espontânea e de outras culturas que formam a paisagem. O mosaico da paisagem é assim diversificado, alternando áreas agrícolas - mais ou menos compartimentadas - com áreas de matas e matos e alguns povoamentos florestais (FAUVRELLE, 2006, p.94).

Então, os pomares, as oliveiras, o rio, os elementos naturais e humanos constituem a paisagem (figura 2 e 3). As videiras no topo plano do vale revela um verdadeiro jardim de videiras (figura 4).

Figura 2 - O Vale do Douro e a paisagem local



Fonte: foto tirada por Fabrício Lopes de Macedo, São João da Pesqueira (8/11/2016)

Figura 3 - A paisagem vitícola do Douro



Fonte: Foto tirada por Fabrício Lopes de Macedo, São João da Pesqueira (31-5-2017)

Figura 4 - Os Vinhedos do Douro



Fonte: Foto tirada por Fabrício Lopes de Macedo, São João da Pesqueira (31-5-2017)

A composição das videiras no Douro são percebidas, nas áreas mais íngremes, por duas formas de armação do terreno, vinha ao alto e patamares. Segundo Magalhães (2003), as vinhas “ao alto” são aquelas com talhões desnivelados por taludes em terra e estradas de trabalho com 7 metros de largura, com alinhamentos retilíneos e alto valor paisagístico; enquanto que as vinhas em patamares estreitos apresentam 2,3 a 2,5 metros de largura com 1 linha de plantação a 0,6 a 0,8 metros de distância do ombro do talude e desenhos em curvas. De forma geral, as videiras que são implantadas em terrenos declivosos, e apresentam uma condução vertical das videiras e muros de pedras para sustentação do terreno, sendo as videiras orientadas em direção a maior insolação (Figura 3 e 4). Em síntese, na paisagem vitícola do Douro coexistem várias formas de implantação da vinha e de construções de moradia, quintas e aglomerados com construções simples (LOURENÇO-GOMES; REBELO, 2012).

Portanto, a paisagem é uma construção material e imaterial, pois existe as memórias, a história, o cheiro do vinho, o pertencimento e identidade dos produtores e a sensibilidade do vinho que gera emoções aos turistas. Estes elementos são a particularidade da paisagem vitícola da região. Assim, a região agrega o vinho através dos hábitos alimentares, dos eventos, das paisagens, dos museus e da própria presença do vinho nos lares, na cultura regional e das parreiras nos quintais das casas.

No Douro, as aldeias vinhateiras também são pontos marcantes. E hoje, muitas delas têm vários problemas entre eles: a população envelhecida, a vitivinicultura decadente e a falta de modernidade. No entanto, para manutenção do desenvolvimento rural nestas aldeias há necessidade de revalorização das

aldeias e a organização do turismo integrado (CRISTÓVÃO; MEDEIROS; MELIDES, 2010).

Além destes elementos, há outros que são integrantes da paisagem e do turismo. Como é o caso da estação férrea e do trem, ambos marcaram o tempo e a paisagem dos vinhedos (figura 5). A estação servia para transporte populacional e de vinhos, porém hoje é um atrativo turístico importante, que precisa ser revalorizada dentro da região. O trem é um elemento típico desta paisagem, pois nem todas as áreas vitícolas apresentam trens e ferrovias que circundam as videiras. Juntamente com estes elementos, as lanchas e as barcas, os grandes hotéis e os restaurantes, que se constituíram mais recentemente no espaço. Então, o trem e a estação são aspectos auxiliares da formação de uma paisagem única no Douro Vinhateiro.

Figura 5 – O trem e o Douro



Fonte: <https://www.portugalafora.com/trem-historico-faz-passeios-no-douro/>

Na paisagem do Douro, o acervo de arte rupestre do Vale do Côa (figura 6), também é um atributo singular. O Parque Arqueológico do Vale do Côa, classificado pela UNESCO, está sobreposto a Região Demarcada do Douro, onde se conjuga os vinhedos com outros aspetos ambientais transformando-a a paisagem em única (Dermendzhieva, et al, 2011). Para Baptista (2009), no complexo rupestre do Côa foram cadastrados sítios com arte rupestre ao longo dos 17 km do rio Côa até o Douro, dispersos em rochas gravuras ao ar livre, demonstrando um período pré-histórico. O espaço abriga sítios históricos, com arte rupestre, museu, Rio Côa, nos quais são realizados passeios e visitas de Caiaque, um ambiente incrível e o Parque. Todo este cenário é parte da riqueza profunda da Paisagem do Douro Vinhateiro.

Figura 6 - Arte pré-histórica do Vale do Côa



Fonte: <https://arte-coa.pt>

O Douro virou também uma paisagem descrita nas artes, cinema e na literatura. Vários escritores e artistas proferiram imagens sobre o Douro de forma inusitada, como Miguel Torga, Domingos Monteiro, Pina de Moraes, entre outros. E, dessa forma, o Museu do Douro e do Lamego apresentam várias obras de arte envolvendo o vinho e a paisagem duriense. Isto demonstra que a paisagem se associa à arte, ou mesmo é representada pela arte. As artes (pintura, gravura, fotografia, literatura, etc.) retratam desde majestosos socacos, o rio Douro, e o vinho, demonstrando este como um produto comercial valorizado nas exportações do país, durante vários séculos (Santana, 2019).

Portanto, a paisagem do Douro, especialmente do Alto Douro Vinhateiro (área reconhecida como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO) é uma obra combinada resultado da interação do homem e da natureza, resultado de um processo multissecular de técnicas e saberes, que confere a paisagem uma concepção evolutiva e viva, testemunho de uma tradição cultural antiga e também de uma civilização atual (AGUIAR, 2002). Esta condição propícia uma tipicidade de vinhos e outros produtos de qualidade e reconhecidos mundialmente.

Todavia, para que haja a manutenção dessa paisagem viva é fundamental a conservação do patrimônio. Segundo Lavrador (2011), a originalidade das paisagens vitícolas está sendo ameaçada pela globalização e mecanização, promotoras da descaracterização e da perda de oportunidades no âmbito do rural, elas inserem-se no local, pois criam formas modernas e descaracterizam a paisagem, transformando-a num produto vendável sem preocupação com a

cultura e o ambiente. Então, os grandes complexos de hotéis, tais quais: piscinas, spa do vinho, com construções surreais e de arquitetura inovadora podem desprestigiar as riquezas patrimoniais. Logo, é necessário um desenvolvimento sustentável da vitivinicultura, a fim da paisagem permanecer com sua particularidade e tradição, onde a cultura, as vinhas e o ambiente sejam o ponto central da mesma. Isto se estende ao desenvolvimento local, onde a cultura e as pequenas propriedades merecem atenção das políticas públicas, pois as aldeias vinhateiras são importantes para paisagem, assim como o Vale do Côa que apresenta uma arqueologia fundamentada em uma área empobrecida do Douro.

Conclusões

A paisagem é um dos conceitos fundamentais da Geografia. Ela vem sendo discutida por pesquisadores e artistas, por muitos séculos, inicialmente estando ligado apenas ao visível e as artes. Hoje, se sabe que a paisagem é um conjunto formado pela interação de vários elementos e que para além do visível estão os aspectos imateriais, sons, cheiros, memória e a própria percepção do observador. A paisagem é associada ao natural, ao cultural, ao urbano, rural e também ao vitícola.

A paisagem vitícola tem como ponto central os vinhedos, mas também envolvem a natureza, a cultura e as construções que a cercam. Para Dal Pizzol; Pastor, (2016, p. 66), a paisagem vitícola é original, pela forma de organização e de produção do espaço rural, e por ser produto dos deuses que o homem extrai da natureza. A paisagem vitícola é o instrumento de análise de pesquisadores, trabalhadores, turistas e amantes do vinho.

Na paisagem do Douro estão presentes: os vinhedos, os terraços que sustentam a vitivinicultura, o Rio Douro, o vale íngreme, os aspectos históricos, as quintas, os casarões barrocos, a arte rupestre, os monumentos religiosos, os artefatos modernos do turismo, entre outros. Todos eles são receptáculos da composição espacial que tornam a paisagem única, reconhecida como Patrimônio da Humanidade. É uma paisagem milenar e tradicional, dos quais, as curvas do Rio Douro e também a ancestralidade permitiram que a paisagem atingisse níveis de desenvolvimento significativos, bem como os vinhos ganharam tipicidade próprias de um legado socioambiental.

Desse modo, a paisagem do Douro marca o encontro de elementos e por completar uma região de diferentes aspectos, apresenta particularidades próprias dentro da mesma, ou seja, há áreas, das quais a vinha e o Douro são mais visíveis, há áreas onde a história, os casarões e os vinhedos são imponentes e existem áreas onde a natureza, a arte rupestre e a videira são expressões locais, há áreas onde a modernização da vitivinicultura é o ponto central da paisagem, assim como em outras as tradições milenares ainda são obras paisagísticas. Nestas paisagens estão presentes, elementos antigos e novos, as antigas videiras e construções, bem como novas construções residenciais e turísticas e plantio de vinhas, além de infraestruturas como, pontes, torres de energia, ventiladores de energia solar, entre outros.

Em síntese, a paisagem do Douro é uma mistura mágica de elementos, que precisa ser conservada e valorizada pelos seus atores locais e, sobretudo, desenvolvida sustentavelmente para continuar a ser esta paisagem imponente e inconfundível entre o mundo vitícola. Porque a expressiva descaracterização da paisagem tradicional altera o patrimônio que é singular. A paisagem vitícola do Douro promete emoções únicas e lugares especiais e distintos que se completam na diversidade da percepção e interpretação do observador à paisagem.

Agradecimentos

As universidades onde foram desenvolvidos os estudos referentes ao Doutorado, que permitiu a leitura para este artigo. Aos professores orientadores e colaboradores para as análises dessa temática. E a CAPES-BRASIL pelo financiamento do intercâmbio entre Brasil-Portugal.

Referências

- AGUIAR, F. B. de. O Alto Douro Vinhateiro, uma paisagem cultural evolutiva e viva. **Douro: Estudos & Documentos**. Porto-PT, v. VII, n.13, p. 143-152, 2002.
- ALMEIDA, A. C. Paisagens: um património e um recurso. *In*: JACINTO, R.; BENTO, V. (Org.). **O interior raiano do Centro de Portugal**: Outras fronteiras, novos intercâmbios. Porto: Campo das Letras; Guarda: CEI, 2006. p. 31- 42
- BAPTISTA, A. M. **O Paradigma Perdido**: O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de ar livre de Portugal. Portugal: Edições Afrontamento, 2009.
- BERQUE, A. Paisagem-Marca e Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural.*In*.: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- BERTRAND, G. (1971). Paisagem e geografia física global: um esboço metodológico. **Revista IGEOG/USP**, São Paulo, n. 13, 1971.
- CARRERA, C. **Vinho do Porto e a região do Douro**: História da primeira região demarcada. Sintra-Portugal: Colares, 2002.
- CONTI, J. B. Geografia e Paisagem. **Ciência e Natura**, Santa Maria, v. 36 Ed. Especial, p. 239-245, 2014.
- CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de sistemas ambientais**. São Paulo: Editora Edgard Blucher Ltda, 1999.
- CRISTÓVÃO, A.; MEDEIROS, V.; MELIDES, R. Aldeias Vinhateiras: Requalificação Urbana, Turismo e Desenvolvimento Local no Douro. **Pasos – Revista de turismo e patrimônio cultural**. Santa Cruz de Tenerife-ES, v. 8, n.4, p. 519 - 528, 2010.

DERMENDHZIEVA, S. et al. Danube and Douro, two rivers one destination the axis of connection or world sociocultural barriers. *In: Acts International Conference “International dialogue and education in the Balkans and Eastern Europe”*, University of Verliko Tarnovo, Bulgária, 2011.

FALCADE, I. (2003). Paisagens vitícolas brasileiras. *In: X Congresso Brasileiro de Vitivinicultura e Enologia. Anais...* Bento Gonçalves: EMBRAPA - Uva e Vinho. 2003. p. 133-136.

_____. Reflexões sobre paisagens vitícolas no Brasil. *In: II Encontro de Grupos de Pesquisa. Anais...* Uberlândia – MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

_____. **A paisagem como representação espacial: a paisagem vitícola como símbolo das indicações de Procedência de vinhos das regiões Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo (Brasil).** Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul-RS, Porto Alegre, 2011.

FAUVRELLE, N. **Formas de armação do terreno no Alto Douro vinhateiro: protecção e gestão da paisagem.** 2006. Disponível em: <https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/relacoes-portugal-espanha-o-vale-do-douro-no-ambito-das-regioes-europeias/formas-de-armacao-do-terreno-no-alto-douro-vinhateiro-proteccao-e-gestao-da-paisagem>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

FAJARDO, S. **Territorialidades corporativas no rural paranaense.** Guarapuava: Ed. UNIC RIBAS, 2008.

VILAS, J. Planificación y gestión del paisaje rural. *In: BOLÓS, M. de. Manual de ciência del paisaje: teoria, método y aplicaciones.* Madrid: Masson, 1992. p. 250-262.

GÓMEZ-MIGUEL, V. D. **Paisaje Del viñedo.** Madri-ES: Universidad Politécnica de Madri, 2014.

GOMES-LORENÇO, L.; REBELO, J. Alto Douro Vinhateiro patrimônio da Humanidade: a complexidade de um programa de preservação. **Pasos-Revista de turismo e patrimônio cultural**, Santa Cruz de Tenerife-ES, v.10, n.1, p.3-17, 2012.

GUERRA, A. J. T.; MARÇAL, M. dos S. **Geomorfologia Ambiental.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

INSTITUTO DOS VINHOS DO DOURO E DO PORTO. **Manual de boas práticas vitícolas: Região Demarcada do Douro.** Disponível em: [http://www.ivdp.pt/pt/docs/SUVIDUR/MBP_\(vs_integral\).pdf](http://www.ivdp.pt/pt/docs/SUVIDUR/MBP_(vs_integral).pdf). Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

JAKOB, M. **Le paysage.** Gollion (Suisse): Infolio, 2008.

JOHNSON, H.; ROBINSON, J. **Atlas mundial do vinho**. Tradução: Fátima Santos, Renato Rezende, Ricardo Rosenbusch. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LAVRADOR, A. **Paisagens de Baco: Identidade, Mercado e Desenvolvimento. Regiões Demarcadas: Vinhos Verdes, Douro, Dão, Bairrada e Alentejo**. Lisboa-PT: Edições Colibri, 2011.

LAVRADOR, A.; DIAS, S.; DIAS, D. A paisagem, um valor relevante no ensino da geografia Projeto «Alverca... na Rota do Tejo»: Uma proposta educativa inovador. **Educação, sociedade e culturas**. Porto-Portugal, n.51, p. 173- 195. 2017.

LEITE, M. A. F. P. **Destruição ou desconstrução?**. São Paulo: Hucitec, 1994.

LOPES, N. G. **Guia do Douro**. Vila Real: Info Portugal S. A. 2012.

MACIEL, A. B. C.; LIMA, Z. M. C. O conceito de paisagem: diversidade de olhares. **Sociedade e Território, Natal**, v. 23, n. 2, p. 159 - 177, 2011.

MAGALHÃES, A. J. T. **Plantação de uma vinha no Douro**. 2003.

Disponível em:

<https://www.fsantos.utad.pt/bibliografia/09TozeMagalhaes.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

MANFIO, V.; MEDEIROS, R. M. V. (2017). A paisagem do vinho na Campanha Gaúcha. In: MEDEIROS, R. M. V.; LINDNER. (Orgs.). **A Uva e o Vinho como expressões de cultura, patrimônio e território**. Porto Alegre: Instituto de Geociências da UFRGS, 2017. p. 21-36.

MANFIO, V. **Vitivinicultura e associativismo: a dinâmica da Associação Vinhos da Campanha na formação de um território no Rio Grande do Sul, Brasil** (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2018.

MANFIO, V. Paisagem, turismo e vinho no Douro em Portugal: uma imponente tradição. **Cadernos de Geografia**, Coimbra-PT, n.40, p. 79-90, 2019.

MANFIO, V.; MEDEIROS, R. M. V.; CRISTÓVÃO, A. Território, desenvolvimento e associativismo: uma análise sobre a região do Douro, Portugal. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 36, p.1-21, 2020.

MARTINS, C. A. A filoxera na vitivinicultura nacional. **Análise Social**, Lisboa-PT, v. , p. 653-688, 1991.

MONTEIRO, C. A. de F. **Geossistemas: a história de uma procura**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

MELLO, L. M. R. De; ZANESCO, R. **Paisagens das regiões vitícolas do Rio Grande do Sul**. Disponível: <http://www.cnpuv.embrapa.br/cadastro-viticola/rs-2013-2015/dados/pdf/capituloIV.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

PHILLIPS, R. **Uma breve história do vinho**. Tradução de Gabriela Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2005.

PINA, H. Howtoenhance, yet preserve, the social and cultural heritageof the Rural Douro region, including the festivities?, **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, 2012.

PINA, H.; CARDOSO, A. B. **A vinha, a paisagem e o património no desenvolvimento sustentável da região duriense**: alguns exemplos. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017.

RIBEIRO, M. Turismo rural e desenvolvimento na região do Douro - Processos e (alguns) resultados da evolução recente do sector. **Douro – Estudos & Documentos**, Porto, v.III, n.6, 2 sem., p. 25-49, 1998.

SANTANA, M. O. R. Breve contextualização histórica. *In*: SANTANA, M. O. R. (org.). **Para uma história do turismo no Douro**. Vila Real: CETRAD, UTAD, Dourotur, Sodivir. Vila Real- PT: Edições do Norte Lda, 2019.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **Revista RA'E'GA**, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003.

SCHIRMER, R. As Paisagens de Vinhedos Franceses. *In*: PANIZZA, A. de C. (Org.). **Paisagens francesas**: terroirs, cidades e litorais. Campo Mourão: Editora da FECILCAM, 2010. p. 38-49.

SOMMERS, B. J. **Geografia do vinho**. Tradução de Pâmela Andrade. Osasco: Novo Século Editora, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VENTURI, L. A. B.A dimensão territorial da paisagem geográfica. *In*: VI Congresso Brasileiro de Geógrafos – AGB. **Anais...** Goiânia:UFG, 2004. p.1-11.

_____. (2018). Paisagem geográfica: muito além do nosso campo de visão. **Confins**, São Paulo, n. 38, 2018.

VOUGEOT L. **Paysages et patrimoines viticoles**. Dijon, France, 2010.